**FACULDADE INTERNACIONAL DE TEOLOGIA REFORMADA INTERNATIONAL REFORMED THEOLOGICAL COLLEGE**

**REFLEXÕES SOBRE AS MÍDIAS SOCIAIS**

**Trabalho final elaborado para a disciplina ED 201 - Didática**

**Professora: Andréa Lobato Couto**

**Aluno: Gerhard Antoon Jacobi**

**Araucária - Paraná**

**Junho 2021**

**Reflexões sobre as mídias sociais**

**Introdução**

Como as igrejas se relacionam com as mídias sociais (Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp, YouTube etc.) que se desenvolveram enormemente nos últimos anos? As mídias sociais devem ser usadas para estimular somente a comunhão entre os membros de uma igreja ou também com os “de fora”?

Até pouco tempo atrás as igrejas possuíam o monopólio o que se poderia dizer em termos éticos ou teológicos, enquanto hoje os crentes coletam suas informações de toda a parte. Se as igrejas continuam se vendo como “coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.15) no meio de tantas opiniões, então elas não podem passar ao largo das mídias sociais.

Estar simplesmente presente na mídia social não é o suficiente. Um pré-requisito é ter uma postura acolhedora e autêntica. O pastor, missionário, evangelista ou obreiro deve saber fazer uma ligação entre o seu conhecimento teológico e a vida prática do dia a dia, entre Deus e o mundo, entre o mundo religioso e o mundo secular. Neste mundo digital as igrejas que se dispõem a ouvir, acolher e compartilhar terão mais sucesso do que aquelas que apenas tem uma comunicação discursiva.

Para muitos a presença da igreja na mídia social é uma consequência natural de Marcos 16.15: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”. Para estes, “todo o mundo” inclui o mundo digital. Outros têm suas reservas e dizem que as mídias sociais estimulam relacionamentos superficiais e passageiros, enquanto as igrejas estão interessadas em relacionamentos duráveis e significativos. É verdade que uma grande força da igreja é a comunhão, o cuidado mútuo e o amor entre os membros e ao próximo, o que pode faltar na mídia social, porém é possível experimentar convívio espiritual pela internet, embora de forma menos sensorial e palpável do que na vida presencial.

**A amizade e a verdade nas mídias sociais**

No entanto, a internet já não é mais somente uma fonte de informações. Para muitos é um momento social do dia, o que muitas igrejas ainda não perceberam. Nos sites de muitas igrejas falta ainda a integração com o Facebook, Twitter e Instagram, por exemplo. Estas igrejas apenas mostram as suas próprias atividades, mas não apresentam possibilidades de comunhão e reflexão. E como considerar a mídia social a partir do ponto de vista teológico?

Todas as nossas expressões culturais, inclusive a internet e a mídia social, deveriam ser um objeto natural da teologia, e não apenas os campos da liturgia e da dogmática. Deus está presente em toda a realidade, e também está presente fora das igrejas oficiais e dos limites do cristianismo, porém devemos estar atentos tanto às virtudes quanto aos defeitos da cultura. Não devemos nos retrair dentro da nossa cidadela eclesiástica. Jesus não existe apenas para os discípulos, mas também para as multidões. A igreja, mesmo pequena, deve levantar a voz do Evangelho para ter relevância na sociedade em que vive, deve ser sal da terra, luz do mundo (Mt 5.13-17). Não deve se adaptar à cultura dominante, mas também não deve ser uma igreja distante e fria. Deve sim ter uma clara identidade ortodoxa, mas sempre combinada com cortesia, transparência, confiança e hospitalidade.

A relação entre teologia e cultura nunca foi sem problemas. Tertuliano (c. 160 - c. 220) tinha um discurso franco e direto e dizia: “O que Jerusalém tem a ver com Atenas?” e também: “O sangue dos mártires é a semente da igreja”. Abominava os jogos romanos e quem assistiu ao filme “Gladiador” de Ridley Scott, lançado em 2000, tem uma imagem exata da ética e estética destes “espetáculos”. Também a opinião de Tertuliano sobre o teatro e as corridas de biga era bastante negativa devido às ideias pagãs subjacentes e péssimas consequências sociais. Não são muito diferentes das merecidas críticas atuais sobre muitos filmes e videogames, onde se veem vidas promíscuas e estímulo à violência. Tertuliano é uma das melhores ilustrações do movimento anticultural dentro da tradição cristã.

Agostinho (354 - 430) pertencia a uma outra escola teológica. Em seu tempo já não havia mais perseguições aos cristãos, mas ele também condenava o caráter cruel dos jogos circenses. Em suas obras ele critica veementemente a poesia, a literatura e o culto pagãos. Entretanto, apreciava a filosofia pagã e em seu livro “A Cidade de Deus” menciona continuamente o escritor romano pagão Virgílio (70 - 19 a.C.). Além disso, classifica como bênçãos divinas a tecelagem, a navegação, a arquitetura, a pintura, a escultura, o teatro, o canto e os instrumentos musicais. Cita que o ouro trazido pelos israelitas do Egito foi posteriormente usado na construção do tabernáculo (Êx 35.4-29). Para evitar muito otimismo cultural deve-se acrescentar que aquele ouro também foi usado para fazer o bezerro de ouro (Êx 32.2-3).

Tertuliano associava toda a cultura da antiguidade à idolatria. Para ele, participar das expressões culturais pagãs era equivalente a abrir a porteira para todas as influências depravadas de Satanás e dos seus demônios. Para outros, como Agostinho, as boas obras de Deus são visíveis por toda a história da humanidade, inclusive no paganismo. O apóstolo Paulo parece compartilhar esta visão de Agostinho: quando pregou aos atenienses no Areópago, citou seus poetas e filósofos (At 17.16-34).

**A verdade na mídia social**

Há dois princípios na cultura cristã e também nas mídias sociais que possuem papel importante: a amizade e a verdade. A verdade cristã muitas vezes é ligada à passagem do Evangelho de João 18.33-38, que relata a conversa entre o algemado Jesus e o titubeante Pôncio Pilatos, em que este pergunta ao Senhor: “O que é a verdade?”. Embora Jesus não lhe responda, o leitor conhecedor deste Evangelho sabe a resposta: a verdade está em pé diante de Pilatos. O próprio Jesus é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14.6). Esta afirmação teológica está sendo atacada de todos os lados em nosso contexto atual. A ideia de “verdade” parece ser problemática e duvidosa. Há apenas uma verdade? Ela não leva à intolerância e violência?

Antes da era da internet havia uma clara distinção entre os emissores e os receptores da informação. Os emissores, - jornais, televisão e rádio -, possuíam mais informação que os receptores, - os leitores, telespectadores e ouvintes. E este último grupo aceitava esta desigualdade, inclusive o poder inerente dos emissores. Nas mídias sociais todo mundo é emissor e receptor ao mesmo tempo. Todo mundo escreve e opina no Twitter e no Facebook ou em seus próprios “websites” ou blogues. A grande mídia se adapta e incentiva que se mande opiniões e fotos. Não é mais uma elite intelectual que determina o conteúdo da *Encyclopaedia Britannica*, mas a informação foi democratizada pela Wikipédia. A opinião pública não é mais determinada por um grupo de pessoas apenas, apesar de alguma informação ainda ser manipulada ou distorcida. No geral, isto tudo pode ser considerado uma melhora em relação à situação pré-digital. Esta possibilidade positiva das mídias sociais também pode ser utilizada pela igreja para disseminar a verdade cristã.

Apesar das vantagens da “democratização da verdade”, também existem pontos negativos. A desvantagem mais visível é o desaparecimento das diferenças entre informação e opinião ou análise da informação. As opiniões muitas vezes são mais importantes que os fatos; e a opinião do “homem da rua” é mais importante que a análise fundamentada de um cientista. Outro problema da democratização da verdade, principalmente na mídia social, é a relativização da verdade, o que os filósofos chamam de solipsismo epistemológico. Isto acontece quando numa discussão sobre normas, valores, arte ou cultura, a pessoa finaliza a conversa com o clichê “esta é a minha verdade”. Ou seja, toda opinião é igualmente importante; a opinião de um ganhador do Prêmio Nobel é igual a de um analfabeto funcional.

Isto coloca a hierarquia clássica da verdade sob pressão, pois a qualidade desaparece sem uma diferenciação. Esta epistemologia moderna reduz toda discussão significativa a uma mera comparação de opiniões. A razão não é mais vista como capaz para ir além da aparência e alcançar a realidade e a verdade, mas é considerada fraca e inábil. Mas a teologia cristã está interessada, mesmo assim, no diálogo sobre Deus e a verdade com todas as filosofias contemporâneas.

As mídias sociais desafiam a igreja e a teologia para expor e defender a sua reivindicação da verdade no fórum digital mundial. A igreja deve responder sem violência espiritual ou arrogância religiosa e afirmar que a verdade não é questão de gosto ou de consenso democrático, mas é uma verdade objetiva, independente da percepção ou aprovação humana. A mensagem cristã para a sociedade afirma que a verdade não é uma construção humana, mas é um pressuposto para a nossa experiência e teoria.

**A amizade na mídia social**

O segundo princípio de valor permanente na mídia social é a amizade. A maneira como Facebook, Twitter e outras plataformas digitais influenciam a ideia de amizade pode ser exemplificada por um episódio da série televisiva norte-americana *South Park*. Destinado ao público adulto, o programa tem uma má reputação por causa do seu humor negro, cruel e surreal sobre a religião, política, violência, abuso, sexualidade e transtornos psicológicos. A narrativa gira em torno de quatro crianças, Stan, Kyle, Eric e Kenny e suas aventuras bizarras na cidadezinha imaginária South Park. No episódio “You have 0 friends”, (décima quarta temporada, quarto episódio), Stan aparece como única criança que não tem Facebook, apesar da pressão social. Seus amigos o “surpreendem” abrindo uma conta para ele. Inicialmente ele se recusa a interagir nesta plataforma, mas seu pai e a namorada dele, seus amigos e até desconhecidos o imploram e o ameaçam para aceitá-los como amigos. Sem alternativa, acaba “admitindo” milhares de pessoas como amigas e passa o dia comentando fotos e vídeos bobinhos. Para se enturmar, deve-se ter uma conta no Facebook, Twitter e Instagram (de preferência nas três plataformas) e gastar (muito) tempo nelas, porém estas amizades podem ser bloqueadas com apenas um clique do mouse.

Além disso, há o perigo das amizades “offline” serem substituídas pela variante “online”, o que traz a possibilidade de desvalorizar o conceito de amizade. Se um indivíduo se tornar amigo de alguém não aceitável, ele se tornará socialmente contaminado e seus amigos por sua vez o abandonarão. Ninguém quer ser amigo de alguém que é amigo de uma pessoa não aceitável. Ademais, os que tem Facebook valorizam mais quem tem muitos amigos (quantidade) do que a proximidade das amizades individuais (qualidade). A “amizade” se torna símbolo de status. Pode-se tornar amigo de qualquer pessoa e, quando ela se tornar inconveniente, deleta-se a pessoa com um toque numa tecla.

E os excluídos digitais, que não tem condições econômicas, sociais ou intelectuais para estes contatos? Este seria o momento em que a igreja poderia questionar as mídias sociais quanto à amizade: o que fazer com os digitalmente marginalizados, quais sejam, os idosos, os deficientes físicos, as pessoas com baixa instrução? Deve-se alertar que a internet, dominada por uma elite econômica e social, não é representativa para boa parte da população, ou então possibilitar que estes grupos esquecidos participem do convívio social pela internet.

Ao olharmos para a amizade descrita na Bíblia, notamos amizades pessoais como aquela entre Davi e Jônatas, mas também entre Deus e o ser humano. De Abraão é dito que é amigo de Deus (2Cr 20.7; Is 41.8 e Tg 2.23) e o SENHOR falava com Moisés face a face, como quem fala com o seu amigo (Êx 33.11). E no Evangelho de João (15.12-17) Jesus conclama seus discípulos a se amarem uns aos outros, como Ele os amou, pois eles eram seus amigos. Em todos estes casos o amor de Deus precede o amor e o agir humano. Evidentemente isto não exclui a ação humana. Também podemos ignorar um pedido de amizade de Deus, como qualquer outra solicitação de amizade, porém a Bíblia nos diz que não *fazemos* amigos, nós somos feitos amigos.

Este posicionamento não precisa se restringir ao relacionamento entre Deus e o ser humano. Também quanto às amizades com pessoas é bom estar ciente que o ser humano não determina totalmente suas circunstâncias. Certas coisas nos acontecem e a amizade é uma delas. Além do empenho (deve-se trabalhar para mantê-la!) deve-se ter gratidão por causa de uma amizade.

**Para finalizar**

A teologia e as mídias sociais têm muitos assuntos para conversar. A igreja não é uma ilha isolada no oceano digital do mundo pecaminoso. A igreja está no mundo, embora não seja do mundo. A teologia deve permitir ser criticada pela cultura moderna para não acabar em inércia, desatualização ou triunfalismo inapropriado e para continuar saber interpretando “os sinais do tempo” (Mt 16.3). De outro lado, a igreja deve mostrar à cultura contemporânea os valores imutáveis da Bíblia.

As mídias sociais contribuem para que, através da crítica, a igreja tome consciência das suas falhas, o que às vezes pode ser doloroso. De outro lado, também deve-se ficar ciente dos perigos da democratização da verdade. Os fatos e as opiniões devem estar claramente diferenciados. A igreja deve mostrar ao mundo que a verdade objetiva deve existir.

A amizade recebe uma nova dimensão no âmbito das mídias sociais e deve-se cuidar para não quantificá-la, porém ressaltar que o importante é o relacionamento pessoal, assim como Deus e o ser humano são amigos.

Finalmente, não se pode esquecer daqueles que não conseguem se comunicar digitalmente. Devemos ter e manter amigos, digitais ou não.

**Referências bibliográficas**

BRALEY, James W. *Preparando nossos alunos para viver no mundo* in **Fundamentos Pedagógicos da Educação**. São Paulo: ACSI - Brasil, 2006.

COSMOVISAO CRISTÃ: aula 1 de 9. CAMPOS JR., Heber. Fortaleza, Ceará: Escola Charles Spurgeon, 2013. Duração: 57 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2du3lQ8TWNs>. Acesso em: maio de 2021.

SHIRLEY, Chris. **Overcoming digital distance**: The challenge of developing relational disciples in the internet age. Christian Education Journal, vol. 14, nº 2, 2017, p. 376-390. Gale Academic OneFile, link.gale.com/apps/doc/A508201134/AONE?u=capes&sid=AONE&xid=443529f1.

VAN DEN BERG, Eric. BOSMAN, Frank G. (eds.). **Handboek kerk en social media**. Zoetermeer, Holanda: Uitgeverij Boekencentrum, 2012, p. 76-102.